

A circulação do conhecimento na Alexandria do século V: uma análise das correspondências de Sinésio para Hipátia⁴²

Camila Michele Wackerhage⁴³
Dominique Santos⁴⁴

Resumo: A partir da análise de algumas das epístolas que Sinésio, de Cirene, escreveu para Hipátia, de Alexandria, este artigo aborda a produção e circulação do conhecimento nesta cidade egípcia no século V. No total, foram sete cartas destinadas à Hipátia, destas, apenas duas foram incluídas no escopo da análise. Por meio desta correspondência, podemos compreender como era a relação entre as duas personagens, suas ligações políticas e culturais, quais autores citavam, a constituição de diversas identidades culturais na cidade de Alexandria, os aspectos religiosos que estavam ali presentes, e como este contexto influenciou para que a cidade tivesse uma grande inclinação aos estudos filosóficos gregos.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia, Alexandria, Hipátia, Sinésio.

Abstract: By analyzing some of the epistles of Synesius of Cyrene to Hypatia, of Alexandria, this article addresses production and circulation of knowledge in this Egyptian City in the fifth century. There were a total of seven letters written to Hypatia, although, only two of them were included in the scope of analysis. By reading this correspondence, we can comprehend how the relationship between the two characters was, their political and cultural bonds, which authors they used to quote, the constitution of various cultural identities in the city of Alexandria, the religious aspects that were present there, and how this context had influenced the city so that it developed a great inclination to Greek philosophical studies.

Keywords: Late Antiquity, Alexandria, Hypatia, Synesium

⁴²Artigo desenvolvido a partir da versão final de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de História da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

⁴³Graduada em História pela Universidade de Blumenau – FURB, Professora da Rede Municipal de Ensino de São Bento do Sul e pesquisadora pelo Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais.

⁴⁴ Professor titular de História Antiga e Medieval da Universidade de Blumenau- FURB e Coordenador do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais (www.furb.br/labeam) na mesma Instituição.

O termo “Antiguidade Tardia” surgiu a partir da necessidade de apontar e/ou explicar as singularidades dos séculos que se sucederam à desagregação do Império Romano do Ocidente, diferenciando o período tanto da Antiguidade quanto do Medievo, reconhecendo suas características próprias. De maneira geral, podemos considerar que o período se estende aproximadamente entre os anos 250 e 750 da Era Comum, de acordo com terminologia adotada pelo *Oxford Centre for Late Antiquity*, localizando-se, então, entre os anos finais do Império Romano Ocidental e ascensão do Reino Franco-carolíngio. As personagens às quais nos referimos neste artigo, Sinésio de Cirene, e Hipátia, de Alexandria, viveram no século V e estavam inseridas nesse processo de transformações e continuidades entre a cultura clássica e a formação do Medievo.

Segundo o historiador francês Jacques Le Goff, uma periodização é elaborada a partir dos acontecimentos políticos, que se caracterizam por uma acentuada mobilidade e produzem rupturas institucionais. Há que se mencionar também o cuidado ao tratar destes períodos, pois a demarcação de uma ruptura histórica pode ser entendida como se a civilização anterior sempre estivesse em declínio para que houvesse o surgimento de uma nova era: da Antiguidade Tardia para Idade Média, da Idade Média para o Renascimento etc. Com isto, durante muito tempo, a Idade Média fora considerada um retrocesso cultural⁴⁵. Ora, a constatação de um “fim no Mundo Antigo” foi de vital importância para os historiadores do século XIX, pois suas explicações, em grande medida, estavam baseadas em um “recuo” do Ocidente em termo globais, talvez porque estavam relacionadas com questões do presente destes pesquisadores⁴⁶.

Embora se trate de um período único e com características específicas, a Antiguidade Tardia costuma ser apresentada como uma transição da Antiguidade à Idade Média. O pesquisador inglês Peter Brown a considera um consolidador cultural, religioso, político e econômico e defende que estes aspectos vão conformando no Medievo da Europa Ocidental um reduto do período clássico que revela, em suas estruturas culturais, aspectos helênicos, republicanos e imperiais de Roma.

Neste artigo, estudamos a correspondência entre duas personagens que viveram neste período: Sinésio, de Cirene, que foi um filósofo neoplatônico e bispo de Ptolemaica, na Cirenaica; e Hipátia, de Alexandria, a primeira mulher documentada como

⁴⁵ AMARAL, Ronaldo. **A Idade Média e suas controversas mensurações: tempo histórico, tempo historiográfico, tempo arquetipo..** Fênix (UFU. Online), v. 9, p. 01-12, 2012.

⁴⁶ SARTIN, Gustavo: **O surgimento do conceito de “Antiguidade Tardia” e a encruzilhada historiografia atual.** Revista Brethair Nº9,p 15-40, 2009.

matemática, que lecionou filosofia neoplatônica na Escola de Alexandria e também teve estudos na área da Astronomia.

A adequada compreensão da correspondência trocada por eles em Alexandria requer que não sejam recortadas do meio histórico em que estas cartas foram concebidas, visto que são frutos da produção que o contexto no qual as personagens em questão vivenciaram estavam inseridas. Dessa maneira, podemos identificar em seu conteúdo, descrito de forma visível ou subliminar, inúmeras questões, como, por exemplo, a formação do conhecimento e a produção de redes de sociabilidade através delas; as nuances culturais que envolveram a cidade de Alexandria, dentre outras coisas. Ou seja, as cartas tinham um papel social na Antiguidade Tardia.

Sinésio, por exemplo, não as escrevia apenas para Hipátia. Sua extensa gama de contatos sociais resultou em uma diversidade de escritos, sendo neles abordados assuntos do cotidiano da personagem e também sua relação com a família, afinidades de amor e ódio em relação à cidade de Alexandria, relatos de experimentos e assuntos pertinentes ao conhecimento filosófico etc. Pelo fato de Sinésio constantemente trocar correspondências com outros filósofos, podemos notar, por intermédio de seus escritos, que debates ocorriam também por esta via naquele período. As cartas podem nos auxiliar, então, a compreender como circulavam as principais polêmicas das mais variadas áreas do conhecimento, como a Filosofia, Matemática e Astronomia.

Em decorrência dos problemas de tradução a serem enfrentados, da riqueza de temáticas que perpassam a escrita do autor tardo-antigo e, ainda, pelas características e delimitação de páginas de um artigo desta natureza optamos por abordar apenas dois, de um total de sete, fragmentos que possuímos das epístolas que Sinésio enviou para Hipátia. Apesar desta limitação, recorrendo a este material será possível compreender um pouco de que forma estas cartas contribuíram para a produção e circulação do conhecimento no período. Para isso, dividimos o texto em três tópicos, contendo, respectivamente: as pluralidades culturais perceptíveis no processo de formação da cidade de Alexandria; algumas considerações sobre as personagens estudadas; e, por fim, a análise das correspondências trocadas entre os dois filósofos tardo-antigos.

1. Pluralidades culturais: formação da cidade de Alexandria

Alexandria é uma cidade usualmente lembrada pela figura de Alexandre, o Grande, e, principalmente, por ter sido sede de uma das mais famosas bibliotecas do mundo: a Biblioteca de Alexandria. A associação com o imperador macedônico não ocorre apenas por se tratar de uma região conquistada por ele, mas, sobretudo, devido às transformações culturais e políticas que se sucederam após este episódio. Por causa destes aspectos, Alexandria se tornou uma importante cidade na Antiguidade.

Na Historiografia tradicional, por vezes, costuma-se relacionar Alexandria à cultura helênica ou, então, a uma “extensão” do helenismo no Egito. Autores como: Arnaldo Momigliano, Arnold J. Toynbee, Martin Goodman e Alan K. Bowman são defensores conhecidos desta associação. Pensar Alexandria nestes termos não é de todo equivocado, afinal, a cidade teve seus reflexos helênicos, todavia, a cidade também tem sua parcela de história romana e, ainda, não podemos reduzir todo um sistema de dinâmicas interculturais e um ambiente cosmopolita a estas duas esferas apenas. Da mesma forma, também não podemos criar uma visão romantizada da cidade, de que ela represente o “ápice” da cultura greco-romana no Mediterrâneo. Embora fosse uma das principais cidades da Antiguidade, não era a mais importante.

Alexandre, o Grande, fundou várias cidades numa grande região do mundo que chamamos de Oriente, dando-lhes seu nome. Não havia, portanto, apenas uma Alexandria, mas vários lugares com este nome, tais como: Alexandrópoles, na Grécia; Alexandria Hereion, no Oriente Médio; Alexandria Escate, na Ásia Central etc. A Alexandria que nos interessa fica próxima ao delta do Rio Nilo, no Egito, foi fundada no ano de 331 a.C., e tornou-se uma das principais edificações atribuídas a Alexandre no Mediterrâneo. Ela foi coligada por Otávio Augusto, vindo a ser a capital da província romana do Egito. Continha uma das maiores populações e extensões de terra e era considerada a segunda maior capital do Mundo Antigo. Durante o antigo reinado egípcio, a cidade já obtinha o título de capital e era uma das principais fornecedoras de trigo para Roma⁴⁷.

A configuração geográfica proporcionou, assim, que a cidade abrigasse um grande fluxo no centro portuário, produzindo grãos no delta e no vale do Rio Nilo. Essa região era composta por duas faixas estreitas de terras banhadas pelo rio Nilo, e estendia-se até

⁴⁷ CLÍMACO, J.C. **A Alexandria antiga refletida pelo olhar romano. Romanitas-** Revista de Estudos Grecolatinos, V. 1, p. 148-169, 2013.

a altura da primeira catarata, próxima da região da Núbia⁴⁸. A importância de sua produção agrícola contribuiu para o contato comercial com as demais regiões do chamado “Oriente Próximo”, a exemplo disto, temos as embarcações de casco profundo, que, já na metade do terceiro milênio, navegavam por entre as faixas litorâneas do Egito. Tal localização estratégica também contribuiu para a grande troca cultural entre os povos do mediterrâneo e os egípcios, principalmente a cidade de Alexandria, já que era uma das maiores cidades portuárias do Egito⁴⁹.

Com o crescimento de Alexandria, alguns segmentos sociais começavam também a se destacar e a elite de origem grega, naquele momento, dispunha de privilégios. Segundo Joana Clímaco, com o aceite do poder romano na cidade, seus novos líderes também trouxeram consigo algumas novidades das quais os alexandrinos não estavam habituados. Uma das principais mudanças ocorreu nos setores administrativo e burocrático da cidade. Dentre as resoluções efetivadas pela nova administração, por exemplo, foram destinadas novas categorias e definições de status para os cidadãos alexandrinos. Uma alteração muito importante foi a cobrança de impostos e a cidadania. Eram isentos do pagamento aqueles que provassem sua cidadania, mas, para obtê-la, era necessário provar sua ascendência helênica materna e paterna. As diferenças étnicas foram acentuando-se de tal forma que criaram barreiras na convivência diária deste grupo e a taxaço de impostos contribuiu para que elas ficassem em evidência; os egípcios foram sujeitos às maiores cobranças de impostos, mas, ao mesmo tempo em que pagavam mais, eram o segmento com menos privilégios. Os conflitos sociais passaram, então, a ser atrelados à questão da identidade cultural. Alexandria conformava, portanto, um cenário complexo. Desde a chegada daquele que é considerado seu fundador, então, muitas transformações tiveram lugar e a cidade jamais deixou de se modificar, gerando novas perspectivas e interesses, tanto políticos quanto identitários.

Cleómenes organizou e estabeleceu um formato de cidade com aberturas de ruas e muros, uma das principais características arquitetônicas alexandrinas, contudo, ele não pôde mensurar a dimensão e popularidade que a cidade alcançaria posteriormente, como afirma Peter Green.⁵⁰ Assim sendo, as grandes construções da cidade, como a Biblioteca

⁴⁸ FIGUEIREDO, D. **A atuação político-religiosa do imperador Teodósio II na controvérsia entre Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla (428-450 d.C.)** [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; 2012.

⁴⁹ HARRIS, W. V. **O Mediterrâneo e a História Antiga**. Tradução: ZANON, C.A, 2011

⁵⁰ PETER, Green. Alexander's Alexandria. In: Mark Greenberg, Kenneth Hamma, Benedicte Gilman e Nancy Moore (eds). **Alexandria and Alexandrinism: Papers Delivered at a Symposium Organized by Museum April 22-25**, 1993. Malibu, California: The J. Paul Getty Museum, 1996. P. 10.

de Alexandria e o Museu, geraram um impacto para o Egito e o Mediterrâneo, aumentando o fluxo de diferentes povos na região. Com isso, podemos afirmar que a cidade foi caracterizada pela diversidade cultural com a chegada de outros povos, cada um trazendo para a região sua cultura, religião, idioma e valores morais⁵¹.

Boa parte da historiografia que estuda Alexandria confere uma grande representatividade ao conceito de “helenização”, contudo, sabemos que a cidade não era composta apenas pela cultura helênica, conforme salientado, assim, também é importante uma reflexão sobre o conceito de romanização, já que a cidade passou por administração romana⁵².

Em seu processo histórico, a palavra aparece no final do século XIX, embasada no positivismo e nas concepções eurocêntricas. Os romanos representariam uma “civilização avançada”. Os que estavam à parte disto eram considerados “bárbaros”. Já com a chegada do século XX e a Antropologia Cultural, principalmente nos Estados Unidos, este significado foi repensado, pois esta forma de ver a cultura romana como “superior” às demais criava dicotomias culturais não mais aceitáveis⁵³.

Atualmente, a “romanização” de outra maneira: trata-se de uma definição de relacionamento entre os padrões culturais romanos e a diversidade provincial. Ou seja, “embora haja alguns elementos da cultura romana, é o helenismo, a cultura grega e helenística, portanto mesclada com a nativa faraônica, que serão os grandes representantes da esfera da cultura em Alexandria.”⁵⁴.

Todavia, isto sugere que não há uma “aculturação” do outro (ou seja, não são encontrados dentro do Egito Romano somente aspectos helênicos, “puros”), e sim uma inserção de elementos culturais adjacentes aos povos que ali habitavam. Por exemplo, o processo helenístico já estava presente antes mesmo da chegada de Alexandre. É o caso que Lobianco, a partir de iconografias mumismáticas, aponta. Segundo ele, elementos culturais são ressignificados. O deus faraônico Amon, por exemplo, era representado por chifres de carneiros, além de apresentar indumentária faraônica. Na mesma intensidade em que estes elementos egípcios aparecem, ícones helênicos e romanos estão presentes,

⁵¹ CLÍMACO, op. cit., p. 18

⁵² *Ibidem*, pg 20.

⁵³ *Ibidem*, pg 4.

⁵⁴ LOBIANCO, L. E. . **Alexandria no Egito: a luz do helenismo no antigo Oriente Próximo**. In: Clinio Amaral; José D' Assunção Barros; Marcelo Beriel; Marcos Caldas; Miriam Coser; Luis Eduardo Lobianco; Renata Rozental Sancovsky; Rosana Marins dos Santos Silva. (Org.). *Representações, Poder e Práticas Discursivas*. 1ed.Rio de Janeiro: , 2010, v. 1, p. 1-.

uma manifestação cultural que pode ser encontrada principalmente no Vale do Delta do Nilo⁵⁵. Conforme aponta Marjorie Venit:

Esta questão também pode ser pensada no que diz respeito à cidadania alexandrina, de como a influência helênica e romana eram importantes para este momento, o que refletiu na formação de identidade social da cidade. Marjorie Venit conclui que as influências dessas culturas na estruturação da cidade foram tão significativas que, até meados do século III, os cidadãos de Alexandria eram os únicos habitantes do Egito que poderiam reivindicar a cidadania romana. Ela ainda ressalta que há questões em aberto referente à cidadania, principalmente no que diz respeito aos judeus que ali viviam. Há indícios, por escrito, de que os povos judaicos que viviam em Alexandria poderiam ter acesso à educação do *Ginásio*, mas se eles poderiam ou não ter sua cidadania romana ainda é uma questão indefinida⁵⁶.

Devido a esta grande diversidade multicultural presente em Alexandria, este fluxo de cultura é refletido também na religião dos alexandrinos. A mesma Marjorie Venit adverte que seria impossível dizer com números precisos a quantidade de templos que existiam na cidade, mas, aproximadamente, ela contava com 2.478 e era bastante receptível no que diz respeito à religião: havia templos e santuários gregos, lugares de adorações de judeus e cristãos, e o templo maior para os egípcios, o de Isis⁵⁷.

Estas identidades, ainda em formação e envolvidas em diversos embates, tiveram bastante influência em vários âmbitos na cidade de Alexandria, desde a representação de cidadania até aspectos religiosos, já que uma cidade cosmopolita como tal carregava sobre si uma imensa base cultural e uma formação intelectual acentuada. Isso nos faz pensar que estas estruturas permearam durante séculos e tiveram bastante reflexo na formação das duas personagens estudadas aqui, Sinésio e Hipátia, que tiveram contatos, sobretudo com a cultura helênica e romana e viveram neste meio social, um mosaico de múltiplas culturas.

2. Sinésio e Hipátia: um breve retrato das personagens

2.1 Hipátia, de Alexandria

⁵⁵ *Ibidem*, pg 7.

⁵⁶ VENIT, S. Marjorie. ALEXANDRIA In: RIGGS, Christina. **The Oxford handbook of Roman Egypt**. Oxford: Oxford University, 2012. Pg 105-121.

⁵⁷ *Ibidem*, pg 111.

A crescente demanda por estudos de gênero no Brasil vem possibilitando que novas pesquisas sejam feitas e, dentro destas, novos recortes, abordagens e temáticas sejam propostos. No entanto, é preciso ter cuidado ao considerar estas questões específicas oriundas das teorias de gênero, que são contemporâneas, quando o objetivo é analisar problemáticas da Antiguidade.

Boa parte das narrativas sobre Hipátia é envolta em exageros e glorificação da personagem; uma representação romantizada. Hipátia é constantemente mencionada e pesquisada em várias áreas do conhecimento: História, Literatura, mas, principalmente, Filosofia e Matemática, muitas vezes acompanhada de anacronismos. Ela também ganhou destaque em uma produção cinematográfica, “*Ágora*” (2009), dirigida por Alejandro Amenábar.

Além disso, diversas autoras feministas também escreveram livros levantando hipóteses sobre a sexualidade de Hipátia, uma tentativa muito mais de resolver questões contemporâneas do que de compreender a personagem em seu contexto histórico, a partir de documentos do período e recorrendo à metodologia própria da Ciência da História⁵⁸.

Ou seja, Hipátia de Alexandria, sem dúvida, é uma personagem histórica que permeia o imaginário social, assim como Joana D’arc, Cleopatra e outras mulheres, que, embora sejam de épocas históricas diferenciadas, recebem notoriedade no pensamento coletivo no passado e na contemporaneidade. Como é possível perceber, diversos grupos tentam se apropriar, recriar, adaptar, reutilizar, ressignificar a imagem de Hipátia para audiências distintas e para atender as mais diversas paixões, por isso, é necessário abordá-la a partir de um controle metodológico e um rigor historiográfico, tentando evitar estas inadequações.

Todos os vestígios ou escritos de Hipátia foram destruídos. Assim, o que se sabe dela pode ser localizado em três fragmentos documentais que foram escritos alguns séculos após sua morte, sendo eles: uma passagem da “*História Eclesiástica*”, de Sócrates Escolástico, datada do século V; um trecho das “*Crônicas*”, escritas por João de Nikiu, no século VII; e um trecho da enciclopédia bizantina do século X nomeada como “*Suda*”.

⁵⁸CARD, Claudia. **Adventures in Lesbian Philosophy: A Hypatia Book**. Bloomington: Indiana University Press, 1994. 288 p. ALLEN, Louise. **The Bisexual Imaginary: Representation, Identity and Desire**. London: Bi Academic Intervention, 1997. 217 p. ALLEN, Jeffner et al (Org.). **Lesbian Philosophies and Cultures**. New York: State University Of New York Press, 1990. 411 p.

Ao que tudo indica, Sócrates, conhecido como Escolástico, foi um historiador grego cristão que viveu no século V. Escreveu sua *História Eclesiástica*, então, pouco depois da morte Hipátia. No volume 67, nas colunas 767-770 da obra, encontram-se as referências diretas à filósofa de Alexandria, dentre as quais, a morte da filósofa é uma parte convidativa da narrativa. Diferente das obras posteriores, como o *Suda*, por exemplo, Sócrates Escolástico apresenta uma Hipátia virgem. Apesar de não ser contemporâneo da pensadora alexandrina, trata-se de um documento de especial relevância, pois, mesmo sendo Sócrates um cristão, ele incluiu dentro de seu relato uma crítica ao assassinato de Hipátia, segundo ele, operacionalizado pela Igreja. Em sua crítica, o autor deste documento acusa o bispo de Alexandria, Cirilo, conhecido posteriormente como São Cirilo de Alexandria, de uma possível cumplicidade na morte de Hipátia ao cooperar com outras personagens da Igreja, fato que teria gerado bastante controvérsia para época.

O segundo documento mais utilizado para narrar a vida de Hipátia é a obra de João de Nikiu, um bispo egípcio que viveu no século VII. Ele escreveu uma crônica dos acontecimentos relacionados à filósofa, provavelmente em grego, embora, possivelmente, com inserções em copta, língua falada no Egito daquele período. A obra foi submetida à tradução para o árabe e depois para o etíope⁵⁹.

A terceira, e última, obra sobre Hipátia é o *Suda*, enciclopédia bizantina do século X. *Suda* é uma variante da palavra grega para "fortaleza", podendo expressar também um "reduto de conhecimento"⁶⁰. Mesmo o *Suda* sendo anterior à invenção da imprensa, ele é um manuscrito do qual temos várias impressões. Segundo Michael Deakin, maior autoridade sobre este assunto, a edição de Ada Adler, chamada *Suideois Léxico*, dividida em cinco volumes, é a mais completa, considerada a *standard* para os estudos relacionados à temática⁶¹. O *Lexicon Suda*, ou simplesmente *Suda*, está organizado em ordem alfabética e inclui um trecho sobre Hipátia.

Por fim, um outro aspecto interessante sobre a personagem é seu pai Teão de Alexandria, chefe do Museu desta cidade, pertencente à tradição matemática da Academia de Atenas representada por Eudoxo de Cnido. Por meio desta ligação do pai, Hipátia veio

⁵⁹Utilizado uma tradução em língua inglesa produzida em 1993, a partir de uma reedição de 1916RH Charles, *The Chronicle of John (c.690A.D.) bispo copta de Nikiu* (Amsterdam: APA-Philo, sd [1981?]; reedição de um original de 1916).

⁶⁰DEAKIN, Michael A.b. **The Primary Sources for the Life and Work of Hypatia of Alexandria**. 1998. Disponível em: <http://www.physics.utah.edu/~jui/3375/Class_Materials_Files/y2007m08d22/hypatia-primary-sources.html>. Acesso em: 28 out. 2014

⁶¹**Ibidem.**

a fazer parte da escola intelectual do pensador Plotino, seu mestre, na qual foi professora de Sinésio⁶². Não podemos negar, então, que Hipátia, sendo a primeira mulher com registros documentais a ser matemática, astrônoma e filósofa, ganha grande destaque por ter adentrado espaços que culturalmente eram frequentados por homens.

2.2 Sinésio, de Cirene

Sinésio, de Cirene (373 d.C. - 414 d.C.), assim como Hipátia, também foi um filósofo neoplatônico e sofista, além de bispo de Ptolemaica na Cirenaica. Era membro de uma família bem conhecida e rica de Cirene, que alegou descendência dos fundadores da cidade, os membros da casa real espartana. A riqueza de sua família permitiu que ele e seu irmão Euoptius fossem viajar para a Grécia. Ele estudou em Alexandria, após 393, onde conheceu Hipátia, e esta lhe apresentou o neoplatonismo⁶³.

Sinésio nasceu em uma família de longa tradição e rica na cidade de Cirene, que ficava na província de Pentápolis. Seus escritos sugerem um envolvimento ativo e longo acerca dos assuntos locais, tanto de Cirenaica quanto de Alexandria. Ele interrompeu seus estudos filosóficos por três anos para ir até a embaixada de Constantinopla em busca de assegurar uma redução de impostos para a cidade de Pentápolis. Ao que tudo indica, neste momento, Sinésio estaria fixado na embaixada e durante este período escreveu duas obras: o *De Regno* e um ensaio sobre a realeza endereçado ao imperador, uma alegoria política na forma do mito egípcio de Typhos e Osíris. Alguns acreditam que Sinésio era um pagão e somente após o momento em que se tornou representante na embaixada foi que se converteu ao cristianismo. Esta interpretação se apoia no fato de que boa parte da aristocracia local de Cirene era pagã e que um dos méritos de Sinésio estava em conciliar o neoplatonismo com o cristianismo⁶⁴.

Foi oferecido no ano de 410 para Sinésio o cargo de bispo na cidade de Ptolemaica. No entanto, somente após pensar por seis meses a respeito, o aceitou. Sinésio deveria encarregar-se de cuidar das partes administrativas da cidade, apesar de ter como interesse maior passar seus dias estudando Filosofia. Porém, as obrigações com o novo cargo de

⁶² DZIELSKA, op. cit., p 123.

⁶³ DZIELSKA, op. cit., p 143.

⁶⁴ Cameron, Alan, and Jacqueline Long. *Barbarians and Politics at the Court of Arcadius*. Berkeley: University of California Press, c1993 1993.

bispo o impediam. Uma de suas funções era combater a corrupção de governadores, a heresia e a barbárie. E, com isto, perdeu muitos amigos e, assim como aponta uma de suas cartas, que veremos mais adiante, morreu, por volta do ano de 412, depressivo e solitário⁶⁵. Há muitas dúvidas quanto à conversão de Sinésio para o cristianismo, mas acredita-se que uma das principais causas poderia ser seus estudos filosóficos.

As leituras e estudos de Sinésio sobre o neoplatonismo foram algumas das principais evidências de sua discordância com o cristianismo fundamental, mas, ao mesmo tempo em que sua paixão por filosofia foi uma barreira para o cristianismo, em alguns aspectos, foi a partir desta que encontrou-se com a fé cristã. Ao escrever uma carta para seu irmão, ele diz estar triste por ter que assumir o cargo de bispo, mas em seus sonhos Deus teria lhe dito para que o aceitasse, e assim ele fez sua vontade. Fica claro aqui que, mesmo não sendo batizado, Sinésio tinha uma forma alternativa e pessoal de viver seu cristianismo, o que não o torna menos cristão aos olhos dos demais; caso assim fosse não seria convidado para assumir o cargo de bispo⁶⁶.

Ser um bispo acarretava privilégios e obrigações: o bispado de Alexandria, junto ao de Constantinopla e Antioquia, teve grande destaque no período da formação do cristianismo. Eram alguns dos privilégios concedidos aos bispos o poder de escolha de seus próprios líderes e a obtenção de recursos destinados às autoridades civis e militares⁶⁷.

Apesar de serem autoridades escolhidas localmente, mas sem intervenção do poder local, rejeitavam a intervenção do poder central sobre seus assuntos e, por vezes, contrariavam ordens de Imperadores, podendo ser mais respeitados que os próprios. Isto se devia, em grande parte, à forma como cativavam a população local, por estarem adjuntos às comunidades religiosas não cristãs, e, por esse motivo, também lhes era acarretada a função de guardiões da ordem e segurança. Com isso, por atuarem como tais nas mais diversas comunidades religiosas, assumiam por vezes uma postura laica⁶⁸. Isto pode evidenciar a flexibilidade que o cristianismo teve com Sinésio, pois mesmo não sendo batizado, assumiu uma posição de grande prestígio para época, sem aparentes problemas com o seu passado pagão.

⁶⁵ **Ibidem**, pg. 20.

⁶⁶ **Ibidem**, pg. 23.

⁶⁷ LOSEKANN, Cydne Rosa Lopes. **As controvérsias entre cristianismo e paganismo a partir das crônicas da destruição do Serapeum de Alexandria (391d.C) nas obras de Rufino de Auileia, Sócrates de Constantinopla, Teodoro de Ciro e Sozomeno**. 2012. 34 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Cap. 2.

⁶⁸ **Ibidem**, pg, 18.

Ao pensarmos numa história do cristianismo, frequentemente a atrelamos à história do Império Romano, desde sua formação, não apenas pela alegação do nascimento de Cristo ser próximo a este período histórico, mas, sobretudo, por conta dos escritos que fundamentaram o pensamento cristão, sua composição hierárquica, o arrojo de suas comunidades cristãs que cresceram sob o olhar de imperadores e a composição filosófica (gnóstica) que se fazia presente também neste momento. O avanço do cristianismo se deu durante a Antiguidade Tardia, no governo de Constantino, e a religião cristã criou diálogos com a filosofia antiga: ela colocava-se como uma forma de salvação, sendo pautada pela revelação, e a filosofia entrava como forma de elucidação e apreensão racional da realidade.

Um dos fenômenos importantes do período foi o que a historiografia se acostumou a chamar de Patrística⁶⁹, um movimento exercido por filósofos cristãos para legitimar a religião e afastá-la das práticas “proibidas”. Para a formatação desta filosofia cristã foram necessárias algumas mudanças. Primeiramente, a revelação que se trata da premissa do exercício racional, pois, a linguagem desta filosofia era composta pelas Escrituras que foram retiradas da filosofia antiga sendo base para a inteligibilidade e racionalidade do cristianismo⁷⁰. A elite romana ainda era pagã e, com isto, os escritos cristãos passaram a imagem de ser a única “verdade filosófica” da época, sugerindo, assim, que seus integrantes, além de filósofos, tinham grande conhecimento da fé, usando isso para atrair a elite romana à conversão por uma percepção de autoridade legítima.

Durante a Antiguidade Tardia, devido ao grande número, padres e bispos ganharam notoriedade junto à população por conta dos sermões que apresentavam. Ganhavam também destaque devido a grande prática da retórica e cativação pela habilidade oratória, pois a eloquência significava que tal membro possuía um papel de liderança no clero, então o exercício de uma boa eloquência significava um status dentro da hierarquia da Igreja. Tais bispos e padres passaram a ter maior espaço para pregação em público após a conversão de Constantino, e o processo de cristianização se deu

⁶⁹ **Patrística**: Termo que designa, de forma genérica, a filosofia cristã nos primeiros séculos logo após o seu surgimento, ou seja, a filosofia dos Padres da Igreja, da qual se originará, mais tarde, a escolástica. A patrística surge quando o cristianismo se difunde e consolida como religião de importância social e política, e a Igreja se firma como instituição, formando-se então a base filosófica da doutrina cristã, especialmente na medida em que esta se opõe ao paganismo e às heresias que ameaçavam sua própria unidade interna. Predominam assim os textos apologéticos, em defesa do cristianismo. A patrística representa a síntese da filosofia grega à escola de Alexandria, que revela um pensamento influenciado pelo espiritualismo neoplatônico e pela doutrina ética do estoicismo. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Hilton: **Dicionário Básico de Filosofia** 4.ed. – Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar.

⁷⁰ PINHEIRO, R. A. B. - **Cristianismos e Ecclesia na passagem da Antiguidade para a Idade Média**. História e Cultura, v. 2, p. 268-284, 2013.

principalmente por meio da oratória, uma ferramenta essencial para o avanço de tal doutrina dentro do mundo tardo antigo⁷¹.

Apesar do avanço do cristianismo no período, existem muitos indícios de que Sinésio, mesmo pertencendo a um cargo do clero, não seguia de maneira fundamental os dogmas de sua religião, o que é corroborado por sua aproximação a Hipátia. Isto é, apesar de viverem em um contexto histórico conturbado, no qual existia uma grande influência do cristianismo em todos os âmbitos, desde socioculturais a políticos, alguns filósofos não concordavam em totalidade com o dogma proposto e, por vezes, não o aceitavam, relativizando-o. Este pode ser um indicativo importante para nos auxiliar na análise das correspondências de Sinésio com Hipátia.

Tanto Hipátia de Alexandria quanto Sinésio de Cirene tiveram uma profunda ligação com os saberes, com a filosofia e as religiões do período em que viveram (século V). Assim, apesar da limitação documental, principalmente no que diz respeito à Hipátia, não podemos deixar de estudar e repensar a participação destas personagens nas principais querelas de seu tempo, algo que é importante não somente para a História Antiga, mas também para elaboração de uma história da Igreja no período e a confecção de uma literatura cristã de cunho filosófico, uma história da filosofia, da matemática, da astronomia e da própria ideia de transformação científica.

3. Análise Documental: a Produção e Circulação do conhecimento na Alexandria do século V

O gênero epistolar possui características e códigos específicos que o distinguem das cartas. Para que algum documento seja denominado como “carta”, por exemplo, deve ser endereçado a um destinatário. Assim, o destinatário ocupa na carta o primeiro plano, diferente dos demais escritos.

⁷¹ MAXWELL, Jaelyn L. - **Christianization and Communication in Late Antiquity** .New York/Cambridge University Press, 2006.

Em relação às cartas da Antiguidade, muitos pesquisadores do tema, como Janet Gurkin Altman, Jennifer Ebbeler e a brasileira Ana Teresa Marques Gonçalves afirmam tratar-se de algo pessoal e dirigido a uma pessoa, referente a um problema ou situação específica. Não haveria necessidade de ser feita uma leitura mais extensa da correspondência, a não ser por aqueles a quem a carta estava endereçada. Já as epístolas, ao contrário, eram dispositivos literários com uma audiência maior de leitores em mente. Dessa forma, elas eram escritas sob o pretexto de ser uma carta pessoal, mas com a finalidade expressa de ser publicada⁷². Por conta de discussões como esta, é preciso mencionar alguns dos debates que cercam o gênero epistolar na Antiguidade.

Um dos pontos centrais é a relação entre as noções de público e privado. Assim, recorreremos tanto aos estudos clássicos sobre o tema, como os de Gustav Adolf Deissmann, que foi quem estabeleceu a distinção entre “cartas genuínas” e “epístolas”⁷³, por exemplo, ou aqueles de autores mais contemporâneos, como Claudio Moreschini e Erico Norelli. Enquanto em Deissmann a divisão entre “cartas” e “epístolas” parece muito rígida e estática, não considerando, por exemplo, os diálogos com outros documentos antigos, na obra de Moreschini e Norelli ela já é mais maleável, o que possibilita uma maior flexibilidade e transição entre a esfera pública e privada, algo que percebemos nos escritos de Sinésio para Hipátia.

3.1 Tipologia das fontes

As fontes para a realização deste artigo estão todas traduzidas do grego para o inglês no *livius.org*. Trata-se de um site sobre História Antiga, escrito e mantido, desde 1996, pelo historiador holandês Jona Lendering, que fez a tradução do grego para o inglês das cartas a partir de *The Letters of Synesius of Cyrene*, a versão *standard* elaborada por Augustine Fitzgerald⁷⁴.

O URL que nos dirige para o *Livius* atual tem sido usado desde 2000, o site não tem fins lucrativos, com algumas ressalvas, e permite a utilização de fotos, textos, desde

⁷² SOARES, C. S. - **O Gênero Epistolar na Antiguidade: a importância das Cartas de Cipriano para a História do Cristianismo Norte Africano (século III d.C.)**. História e Cultura, v. 2, p. 199-215, 2014.

⁷³ **Ibidem**, pág. 205.

⁷⁴ Augustine Fitzgerald. New York: Oxford University Press, American Branch, 1926. Seu trabalho foi muito importante, através da tradução das cartas de Sinésio, Fitzgerald colocou o mundo de língua inglesa em seu débito. Seu trabalho é tido como uma das principais referências no que diz respeito às cartas de Sinésio. Os interessados em mais detalhes sobre a produção intelectual de Fitzgerald sobre Sinésio pode recorrer a obra de Charles Miley. Cf.: MILEY, Charles N.. *The Letters of Synesius of Cyrene by Augustine Fitzgerald*. **The Classical Journal**. Canadá, p. 228-230. dez. 1996.

que contenha as devidas referências e não objetive o lucro. O site apresenta vários documentos, desde a Mesopotâmia, Grécia, até o Egito e também uma quantidade razoável de iconografias e mapas. A aba na qual encontram-se disponíveis as cartas de Sinésio é intitulada de *Synesius' Correspondences* e foi anexada no ano de 2007, sua última revisão ocorreu em outubro do mesmo ano. Estas cartas estão numeradas em ordem cronológica, seguindo uma ordem de datação, contudo, não seguimos esta na análise das cartas, pois escolhemos trabalhar por temáticas.

A página destinada a Sinésio reúne no total 159 escritos. Dentre as personagens para as quais ele escrevia, além de Hipátia, encontram-se Herculiano, Cirilo, Diógenes, João I, Pedro, entre outros, apontando, assim, que havia um extenso debate sobre filosofia naquele momento e que ele conversava com vários filósofos a respeito destas temáticas relacionadas com produção e a circulação do conhecimento na Alexandria do século V. Sinésio escreveu ao todo sete cartas para Hipátia, assim, a escolha desta documentação para o estudo realizado nesta pesquisa é devido ao fato de serem fontes contemporâneas ao período da vida da filósofa e matemática de Alexandria. Com exceção destas cartas não há nenhum outro registro contemporâneo sobre Hipátia, nem mesmo de seus outros alunos, como temos insistido. Sendo assim, as sete cartas endereçadas a ela são os únicos documentos do século V sobre a personagem.

No que diz respeito à História Antiga e Medieval, o uso de cartas e epístolas não é uma "novidade", até no meio bibliográfico deste período a presença destes mecanismos é fundamental, um auxílio documental sobre determinada personagem. Sendo estas correspondências parte de um determinado contexto histórico, elas estão inseridas em seus círculos, culturais, sociais e mesmo emocionais. Ao estudar a temática e ter contato com essa intimidade das correspondências trocadas entre esta ou aquela personagem, o historiador não deve construir uma visão romântica ou uma história dual e assinalada de estereótipos, por isso estes cuidados metodológicos⁷⁵.

A epistolografia na Antiguidade Tardia era uma arte exercida por uma pequena parcela de letrados, nestes escritos encontram-se elementos da retórica para incluir e transmitir mensagens e informações. Sendo assim, as cartas tornaram-se objetos

⁷⁵ ROSENMEYER, Patrícia A. et al. EPISTOLARY FORMS: LETTERS IN NARRATIVE, LETTERS AS NARRATIVE: Epistolary Writing in Extended Narratives: Letters in Euripides, Herodotus, Xenophon. In: HODKINSON, Owen; ROSENMEYER, Patrícia A.; BRACKE, Evelien. Epistolary Narratives in Ancient Greek Literature. Boston: Brill, 2013. Cap. 3. p. 39-54

primordiais para circulação de notícias⁷⁶. Não se dispunha de meios de comunicação que chegassem e atingissem a grande população, com isto, as cartas tornaram-se a primeira manifestação de comunicação, embora fossem restritas a pequenos segmentos sociais letrados, como as elites romanas e gregas, que contavam com escravos que cuidavam das cartas, tal a importância que a produção das mesmas tinha nas sociedades antigas⁷⁷. Acerca disto, Ana Teresa M. Gonçalves e Fabrício D. G. Di Mesquita, em seus estudos sobre epístolas e cartas afirmam que:

O estudo da atividade epistolar engloba, no mundo antigo, os domínios do que, no mundo moderno, convencionou-se denominar de esferas pública e privada, pois cartas que inicialmente foram escritas para amigos, discípulos, parentes em geral, acabaram recebendo um tratamento posterior à sua escrita e sendo publicizadas, por meio de cópias que eram remetidas a vários destinatários e/ou guardadas nas bibliotecas, para acesso de toda população letrada. Tais documentos revestem-se de um caráter histórico inegável, desde a própria Antiguidade, pois vários historiadores antigos citam em suas obras informações que teriam advindo de cartas consultadas por eles, que estavam guardadas em locais de acesso público, ou se referem a missivas importantes que teriam trocado com outros membros da elite e, algumas vezes, com o próprio Imperador⁷⁸.

Desta forma, notamos que há uma imensa problemática, já que o que caracterizamos como público e privado parece ser uma interpretação da contemporaneidade, portanto, temos que ter consciência desta distinção ao analisarmos os escritos de Sinésio para Hipátia. Estes escritos estão, em primeiro momento, em caráter privado, mas não podemos saber se estas cartas estiveram ou não dispostas em alguma Biblioteca para consulta, por exemplo, se houveram pessoas que nos séculos posteriores as leram ou não, já que Sinésio não escrevia somente para Hipátia. Como já mencionamos, ele possuía uma extensa lista de amigos filósofos e estes escritos, de certa forma, continham conteúdos dos mais variados temas, abordando desde assuntos pertinentes à cidade até a filosofia. Com isto, a regência de “cartas” e “epístolas” não contemplam de toda forma as correspondências trocadas entre as personagens, motivo pelo qual não negamos a existência dessas classificações, mas optamos por um termo

⁷⁶ GONÇALVES, A. T. M. ; MESQUITA, F. D. G. di . **Atividade Epistolar no Mundo Antigo: Relendo as Cartas Consolatórias de Sêneca**. História Revista (UFG. Impresso), v. 15, p. 31-54, 2010.

⁷⁷ *Ibidem*, pág. 31.

⁷⁸ *Ibidem*, pág. 33.

mais flexível, considerando as dificuldades e poucas informações acerca dos documentos.

Totalizando, então, sete cartas para Hipátia de Alexandria, seguem a numeração e titulação aplicadas pelo *Livius* às cartas e utilizadas na pesquisa:

394:33: Em Louvor de Alexandre. (carta datada do ano de 394)

401:124: A Cidade em Tempo de Guerra. (carta datada do ano de 401)

402:15: Um Densímetro. (carta datada do ano de 402)

404:154: Em seus próprios escritos. (carta datada do ano de 404)

413:81: Morte de Filho de Sinésio; Uma Recomendação. (carta datada do ano de 413)

413:10: Perdendo Contato Com o Mundo Exterior. (carta datada do ano de 413)

413:16 A Despedida. (carta datada do ano de 413)

São vários os temas abordados por Sinésio em todas as cartas que escreve. As correspondências enviadas por ele são complexas e, de um modo geral, falam bastante para Hipátia de seu amor pela cidade, há muitas citações sobre literatura greco-romana, faz referências à cultura helenística, cita um Alexandre, que possivelmente seria o Imperador Alexandre, o Grande, comenta sobre as tormentas de uma possível guerra, e em uma das cartas ele referencia o densímetro, um instrumento utilizado para medição de líquidos.

Alguns destes temas, todavia, são muito importantes para este artigo, pois envolvem a produção e a circulação do conhecimento na Alexandria do século V. Sinésio, escreve, por exemplo, duas cartas sobre sua relação com a cidade de Alexandria e relembra-a saudosamente. Outro tema importante são as inúmeras citações a outros autores e obras, como a *Iliada* e a *Odisséia*. A recorrência aos escritos de língua grega é frequente, deixando claro, assim, a influência cultural helenística na obra de Sinésio. A partir de agora, passamos a analisar estes dois fragmentos das correspondências entre Sinésio e Hipátia, tentando perceber as intrínsecas relações entre ambos, do que estavam falando, o que era debatido, quais influências de seu meio social e, principalmente, que tipo de conhecimento circulava em Alexandria.

3.2 “De Sinésio para Hipátia”: análise Documental das cartas 401 e 402

Por questões de delimitações, já apontadas, analisamos as cartas “A Cidade em Tempo de Guerra” (401) e “Um Densímetro” (402). A razão pela escolha destes dois fragmentos específicos se deve ao fato de que o primeiro contém um relato sobre questões problemáticas dentro da Cidade de Alexandria e o segundo faz referência direta aos experimentos ligados com a área de matemática, oferecendo, portanto, alguns indícios dos debates que interessavam a estas personagens, os conflitos iminentes dentro de sua região e o contexto que as cercavam.

Na carta número 124, intitulada *Uma Cidade em Tempo de Guerra*, datada do ano de 401, podemos ler o seguinte:

[...] minha querida Hipátia. Estou cercado pelos sofrimentos da minha cidade, e desgostoso com ela, para que eu veja diariamente as forças inimigas, e os homens mortos como vítimas de um altar. Estou respirando um ar contaminado pela decomposição de cadáveres. Eu estou esperando para me submeter a um mesmo lugar que se abateu sobre muitos outros, pois como pode um manter qualquer esperança, quando o céu é obscurecido pela sombra de aves de rapina? No entanto, mesmo nestas condições eu amo o país. Por que então eu sofro? Porque eu sou um líbio, porque eu nasci aqui, e é aqui que eu vejo os túmulos de honra dos meus ancestrais. Por minha conta, eu sozinho serei capaz de me mudar para um lugar com vista para minha cidade⁷⁹.

A cidade, como apontado no início, é sempre aclamada por sua grande diversidade étnica e cultural. Na segunda linha do fragmento, Sinésio faz um lamento por estar “desgostoso com ela”. Podemos, então, compreender essa lamúria com o fato de haver conflitos identitários dentro da cidade, como, por exemplo, os egípcios estarem socialmente abaixo dos descendentes de greco-romanos, um indicativo de que a cidade estava passando por algum conflito possivelmente ligado à questão étnica-cultural. Em todo caso, Sinésio tinha uma ligação muito profunda com a cidade, apontamento este fator nas demais epístolas. Ao ganhar seu cargo de bispo, ele ficou encarregado de também chefiar as fronteiras, ou seja, tornar a cidade segura e, para ele, um dos principais “perigos” eram os “bárbaros”. Tal preocupação refletia-se, também, num confronto pessoal, afinal, ele seria apontado como pagão e cristão, ao mesmo tempo que, assumindo a chefia de bispo, Sinésio usufruiria de regalias. Parecia, portanto, haver um dilema interno do autor com relação a sua postura ética dentro da Igreja Católica, já que esta não aceitava muitas leituras filosóficas, inclusive o neoplatonismo, então apontado

⁷⁹SINÉSIO, Correspondências. **Carta número 124:401**: Uma Cidade em tempo de Guerra.

como pagão. Em suma, a grande questão de Sinésio residia em apontar o outro como bárbaro, enquanto ele mesmo poderia ser considerado um.

Podemos deduzir de todas essas tensões que, no ano de 401, a cidade estaria passando por uma crise ou, até mesmo, uma possível invasão de outros povos. Na terceira linha, Sinésio menciona os “homens mortos”, evidenciando talvez o avanço de uma guerra. Outra possível interpretação seria o começo da perseguição da Igreja, pois, na mesma linha terceira, ele utiliza a expressão “altar”, algo que remete a uma simbologia religiosa. Na sequência, ele referencia a possibilidade de ter o mesmo destino que os outros cadáveres, denotando que a perseguição poderia ser motivada pela questão tanto de uma posição social dentro da cidade quanto religiosa, já que Sinésio, como bispo, detinha privilégios dentro da Igreja, mas estudava os pagãos e bárbaros.

Outro fator importante era que, apesar de ter um cargo no clero, Sinésio não era batizado, e suas divergências com a religião cristã talvez eram devidas a sua posição filosófica. No século V, muitos bispos que não “agradavam” o clero passaram a ser perseguidos, um exemplo disto é a medida de Cirilo de Alexandria, que fechou todos os templos de Alexandria e passou a perseguir sacerdotes envolvidos em crimes de corrupção⁸⁰, os mesmos delitos que Sinésio estaria encarregado de punir. Podemos sintetizar, então, seu conflito pessoal, nos seguintes termos: Sinésio deveria punir alguém que estava corrompido pela leitura de determinados autores, embora ele mesmo não seguisse todas as regras. Não há mais informações se uma medida como a tomada por Cirilo também chegou à cidade de Cirene, assim, podemos apenas fazer uma analogia com a menção de Sinésio às aves de rapina sobrevoando o céu da cidade, o que pode significar alguma pessoa de alto “cargo” que estaria visitando a cidade ou observando de longe e tentando atacar.

Nas últimas linhas desta carta, Sinésio relata para Hipátia o seu amor pelo “país”. A questão do amor à cidade pode estar relacionada com a identidade que a personagem tem com sua localidade, como ele se vê e quer ser visto pelos demais. Sua paixão pela cidade é importante para ele, já que nela encontram-se os seus ancestrais enterrados. Assim, Alexandria torna-se um “solo sagrado” para Sinésio. Essas menções, tanto acerca do amor quanto do fato de “estar desgostoso” com a cidade, podem ter relação com seu

⁸⁰J.M. Blázquez, Tolerancia e intolerancia religiosa en las cartas de Jerónimo, *Ant. Crist. (Murcia)*, XXIII, 2006, 467-473; Id., “**La violencia religiosa originada por las decisiones del Concilio de Calcedonia (451) en los monjes de Oriente**”; G. Bravo, R. González Salinero (eds.), *Formas y usos de la violencia en el Mundo Romano*, Madrid, Signifer, 2007, 291-303.

cargo de bispo e suas próprias contradições, sem contar as fronteiras, que estavam sendo brevemente invadidas por povos estrangeiros, estes que Sinésio via como inimigos. Isto sugere que a personagem tinha uma relação particular com o lugar e que, mesmo apesar de todos seus problemas, estava apegado a ele, com um sentimento de identidade e pertencimento, possivelmente por conta de suas origens e de sua família.

Na segunda carta, por sua vez, podemos ver Sinésio discorrendo sobre o densímetro, instrumento utilizado na mediação da gravidade da água.

Estou de tal fortuna mal que eu preciso de um hidrocópio. Veja que um está no elenco de bronze para mim e juntos. O instrumento em causa é um tubo cilíndrico, que tem a forma de uma flauta, e possui aproximadamente o mesmo tamanho. Tem entalhes em uma linha perpendicular, por meio da qual somos capazes de testar o peso das águas. Um cone forma uma tampa numa das extremidades, intimamente adaptado ao tubo. O cone e o tubo têm uma única base. Este é o chamado berílio. Sempre que você colocar o tubo em um líquido, ele permanece ereto. Em seguida, pode contar os entalhes à sua vontade, e desta forma determinar a gravidade específica da água⁸¹.

Neste escrito, datado do ano de 402, Sinésio relata um instrumento utilizado para a medição da água, o hidrocópio, e exemplifica de que forma utilizá-lo. Sua função era a de medir a gravidade da água. Possivelmente, Hipátia estaria trabalhando em alguma experiência ou algum estudo matemático. O berílio, mencionado na descrição do objeto, é uma composição química descoberta no ano de 1786 pelo francês Louis Nicolas Vauquelin e trata-se de um elemento alcalino-terroso, de aspecto cinzento. Isso pode sugerir que, no século V, tal composição já era utilizada. Apesar disso, precisamos tomar cuidado, pois a tradução das cartas não é literal, e pode ser que o tradutor desta versão lançou mão do nome de tal composição para que possamos compreender melhor a descrição do objeto. Dessa maneira, a composição do berílio já era aplicada no século V, na confecção de instrumentos para experimentos, como a exemplo da medição da gravidade da água contudo, não levando este nome. A discussão entre os interlocutores é um indicativo da importância de Hipátia na matemática e de como as personagens mantinham uma ligação forte entre si e com o conhecimento matemático e literário. Evidências, portanto, de que havia uma produção nestas áreas e tanto sua comunicação quanto sua circulação se davam a partir de epístolas.

⁸¹SINÉSIO, Correspondências. **Carta número 402:15**: Um Densímetro.

Não podemos deixar de mencionar a importância de Teão de Alexandria, que teve grande notoriedade na Matemática, assim como sua filha, Hipátia. Ele era o responsável por editar e fazer comentários nos estudos de Euclides. Suas opiniões estão presentes também em “*Elementos*” e “*Almagesto*”, de Ptolomeu, entre outras obras⁸². Podemos apontar, também, a inclinação de Hipátia aos estudos de astronomia, afinal, ela cresceu tendo como grandes referências nomes como estes, além de seu próprio pai. Assim, ela manteve um vínculo não somente com a filosofia, mas sua influência familiar fez com que também tivesse uma grande participação em escritos matemáticos.

Na epístola em questão, a partir da menção de Sinésio sobre o uso do instrumento, podemos perceber que o foco da discussão nas aulas ministradas por Hipátia não recaía somente sobre a filosofia, mas também havia reflexões sobre astronomia, matemática, experimentações com objetos, como este que Sinésio menciona, possivelmente, discussões sobre estas invenções, além de estudos sobre outras ciências.

Assim, podemos perceber a importância destas correspondências para a troca de conhecimento na Alexandria do século V. As cartas de Sinésio são documentos que podem ser utilizados para compreensão de inúmeras temáticas acerca do conhecimento tanto para a área da matemática quanto para a filosofia.

Considerações Finais

Neste artigo, apesar de analisarmos apenas duas cartas e das limitações enfrentadas com relação à documentação (acesso e tradução livre das fontes), foi possível perceber a relevância cultural que a cidade de Alexandria teve para o século V, embora tenhamos tido sempre o cuidado para não falar sobre ela com romantismos, o que é contraproducente ao conhecimento histórico. Ao analisarmos os fragmentos das cartas de Sinésio para Hipátia, notamos como estas duas personagens foram ativas na vida intelectual da cidade e pudemos também perceber alguns importantes aspectos no que diz respeito à produção e circulação do conhecimento no período.

Por isto, concentramo-nos em compreender a dinâmica e a construção da cidade de Alexandria, sua influência da helenização e romanização na região do Oriente Próximo que moldou a forma como os principais intelectuais do século V estudavam, pois o que

⁸²GAMAS, C. A. D. *A Matemática em Alexandria: Convergência e Irradiação*. *Archai*, n. 11, jul-dez 2013, p. 47-54.

era lido em vários lugares, em sua boa parte, constituía-se de obras de autores gregos e romanos. Alexandria, desde sua fundação por Alexandre, o Grande, passou por enormes modificações, não somente estruturais, mas culturais, que interferiram de forma significativa na formação identitária dos habitantes desta cidade portuária egípcia, cuja população de Alexandria era composta não apenas por egípcios, mas descendentes de gregos, romanos e judeus; uma cidade cosmopolita e multicultural.

Foi este o contexto que tanto Sinésio quanto Hipátia vivenciaram, recebendo e também se apropriando das mais variadas culturas. Desta forma, apresentamos uma breve reflexão acerca da representação das personagens. Ambas tiveram inclinações filosóficas para o estudo da literatura grega, sobretudo Homero, e dos filósofos neoplatônicos. Hipátia era professora da Escola de Alexandria e seguidora desta corrente filosófica. Sinésio, sendo seu aluno, também se tornou bastante próximo destas interpretações.

Foi possível perceber, por meio das correspondências trocadas entre os dois, não somente assuntos pessoais, mas o intercâmbio de conhecimentos de cunho filosófico e matemático, de experiências científicas, além de, claro, os conflitos sociais, os embates entre cristãos e pagãos, o começo da perseguição da Igreja Católica e a posição ética que Sinésio deveria manter. Com isto, nota-se a grande representatividade das personagens para aquele momento: Hipátia, filha de um importante matemático e diretor do Museu de Alexandria, teve a oportunidade, por meio destas influências, de lecionar na Escola de Alexandria; Sinésio, ao ser nomeado ao cargo de bispo, exercia uma influência indireta na cidade de Cirene, pois, ao aceitar o bispado, estava também aceitando uma condição de vida, mas isso não impediu de lamentar e evidenciar que não gostava de passar seus dias no escritório resolvendo os mais diversos assuntos envolvendo a população da cidade de Cirene – ele preferia passar os dias envolvido nos estudos.

A representação de Hipátia, sobretudo, manteve-se viva na contemporaneidade, quando foi contemplada não somente com poemas, sonetos, mas também com uma produção cinematográfica.

A posição social de Sinésio contribuiu para que ele mantivesse uma rede de sociabilidade extensa. Sinésio escrevia várias cartas, e não somente para Hipátia, como também, para outros alunos da Escola de Alexandria, a exemplo de Herculiano. Podemos, então, considerá-lo participante de um seleto círculo de debates filosóficos, cujos escritos legaram uma importante referência para o estudo não só da História do Egito Tardo Antigo, principalmente da cidade de Alexandria, mas também para a história da Filosofia e da Matemática.

As cartas eram a principal fonte de informação da época, e nelas havia não apenas escritos sobre a vida cotidiana, mas um instrumento para circulação do conhecimento no Século V. Os círculos de amizades das personagens estavam diretamente ligados à difusão da filosofia e do conhecimento e, até suas inimizades foram elementos de importante compreensão, pois refletiam suas posições e críticas a outras vertentes filosóficas.

Enfim, além destas questões mais voltadas para a produção do conhecimento, indicamos a possibilidade e a relevância de uma análise posterior que contemple ainda as ligações pessoais entre Sinésio e Hipátia, ou pelo menos o que Sinésio sentia em relação à filósofa, pois isto pode nos auxiliar a compreender como era não somente o diálogo entre ambos (dado importante *per se*, uma vez que Sinésio foi aluno de Hipátia), como também, que tipo de relação de ensino e aprendizagem poderia haver entre estas duas personagens da Alexandria do século V, o que, certamente, pode contribuir para ampliação do nosso conhecimento sobre a Antiguidade Tardia de uma forma geral.

Referências Bibliográficas

A) Fontes Utilizadas

REEDY, Jeremiah. **From Damascius's Life of Isidore, reproduced in The Suda.**

1993. Disponível em:

http://www.faculty.umb.edu/gary_zabel/Courses/Phil%20281b/Philosophy%20of%20MAGIC/Arcana/Neoplatonism/hypatia-bio-suda.html. Acesso em: 02 jan. 2016.

_____. REEDY, Jeremiah. **By John, Bishop of Nikiu, from his Chronicle 84.87-**

103. 1993. Disponível em: <http://www.cosmopolis.com/alexandria/hypatia-bio-john.html> Acesso em: 02 jan. 2017.

_____. REEDY, Jeremiah. **By Socrates Scholasticus, from his Ecclesiastical**

History. 1993. Disponível em: <http://www.cosmopolis.com/alexandria/hypatia-bio-socrates.html> Acesso em: 02 jan. 2017.

_____. SYNESIUS, Correspondentes; **Letters: 16, 10, 15, 33, 81, 138, 139 e 154.**

Tradução de LENDERING, Jona. Site Livius.org. Disponível em:

http://www.livius.org/su-sz/synesius/synesius_correspondents.html#Hypatia. Acessado

em: 02 jan. 2017.

B) Obras Gerais

ALLEN, Louise. **The Bisexual Imaginary: Representation, Identity and Desire.** London: Bi Academic Intervention, 1997. 217 p.

ALLEN, Jeffner et al (Org.). **Lesbian Philosophies and Cultures.** New York: State University Of New York Press, 1990. 411 p.

AMARAL, Ronaldo. **A Idade Média e suas controversas mensurações: tempo histórico, tempo historiográfico, tempo arquetipo..** Fênix (UFU. Online) , v. 9, p. 01-12, 2012.

CAMERON, Alan, and Jacqueline Long. **Barbarians and Politics at the Court of Arcadius. Berkeley:** University of California Press, c1993 1993. <http://ark.cdlib.org/ark:/13030/f729007zj/>

CARD, Claudia. **Adventures in Lesbian Philosophy: A Hypatia Book.** Bloomington: Indiana University Press, 1994. 288 p.

CLÍMACO, J. C. . **A Alexandria antiga refletida pelo olhar romano. Romanitas -** Revista de Estudos Grecolatinos, v. 1, p. 148-169, 2013.

CLÍMACO, J. C. - **Cultura e poder na Alexandria Romana [Dissertação].** São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2007.

DZIELSKA, Maria: **Hipátia de Alenxadria.** Relógio D' Água, 2009.

FERRARI, A. H. ; SILVA, M. C. C. E. ; QUINTILIO, D. ; FURTADO, P. . **Hipátia de Alexandria.** As matemáticas, Moderna on line, 2000. .

FIGUEIREDO, D. **A atuação político-religiosa do imperador Teodósio II na controvérsia entre Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla (428-450 d.C.)** [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; 2012

GAMAS, C. A. D. **A Matemática em Alexandria: Convergência e Irradiação.** *Archai*, n. 11, jul-dez 2013, p. 47-54.

GONÇALVES, A. T. M. ; MESQUITA, F. D. G. di . **Atividade Epistolar no Mundo Antigo: Relendo as Cartas Consolatórias de Sêneca.** História Revista (UFG. Impresso), v. 15, p. 31-54, 2010.

HANSEN, Herman Mogens. THE CONPENHAGEN INVETORY OF POLEIS AND THE LEX HAFNIENSIS DE CIVITATE In:LYNETTE G. Mitchell and P.J. Rhodes - **Devopment Of The polis in archaic Greece**. Routledge, New York, 2005,pg. 5-11.

HARRIS, W. V. **O Mediterrâneo e a História Antiga**. Tradução: ZANON, C.A,2011

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Hilton: **Dicionário Básico de Filosofia**- 4.ed. – Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar

J.M. Blázquez,. Tolerancia e intolerancia religiosa en las cartas de Jerónimo, *Ant. Crist. (Murcia)*,XXIII, 2006, 467-473; Id., “**La violencia religiosa originada por las decisiones del Concilio de Calcedonia (451) en los monjes de Oriente**”; G. Bravo, R. González Salinero (eds.), *Formas y usos de la violencia en elMundo Romano*, Madrid, Signifer, 2007, 291-303.

LOBIANCO, L. E. . **Alexandria no Egito: a luz do helenismo no antigo Oriente Próximo**. In: Clinio Amaral; José D' Assunção Barros; Marcelo Berriel; Marcos Caldas; Miriam Coser; Luis Eduardo Lobianco; Renata Rozental Sancovsky; Rosana Marins dos Santos Silva. (Org.). Representações

MILES, Richard. Introduction: Construction Identities in Late Antiquity. In: MILES,Richard. **Constructing Identities In Late Antiquity**. NewYork: Routledge,1999, p.1-15.

MILEY, Charles N.. The Letters of Synesius of Cyrene by Augustine Fitzgerald. **The Classical Journal**. Canadá, p. 228-230. dez. 1996.

PETER, Green. Alexander’s Alexadnria. In: Mark Greenberg, Kenneth Hamma, Benedicte Gilman e Nancy Moore (eds). **Alexandria and Alexandrinism: Papers Delivered at a Symposium Organized by Museum April 22-25**, 1993. Malibu, California: The J. Paul Getty Museum, 1996. P. 10.

PINHEIRO, R. A. B. - **Cristianismo e Ecclesia na passagem da Antiguidade para a Idade Média**. História e Cultura, v. 2, p. 268-284, 2013.

ROSENMEYER, Patrícia A. et al. EPISTOLARY FORMS: LETTERS IN NARRATIVE, LETTERS AS NARRATIVE: Epistolary Writing in Extended Narratives: Letters in Euripides, Herodotus, Xenophon. In: HODKINSON, Owen; ROSENMEYER, Patrícia A.; BRACKE, Evelien. **Epistolary Narratives in Ancient Greek Literature**. Boston: Brill, 2013. Cap. 3. p. 39-54.

SARTIN, Gustavo: **O surgimento do conceito de “Antiguidade Tardia” e a encruzilhada historiografia atual**. Revista Brethair Nº9,p 15-40,2009.

SILVA, Gilvan Ventura da. **O fim do Mundo Antigo: uma discussão historiográfica**. Mirabilia, Brasil, v. 1, p. 1-10, 200

SOARES, C. S. - **O Gênero Epistolar na Antiguidade: a importância das Cartas de Cipriano para a História do Cristianismo Norte Africano (século III d.C.)**. História e Cultura, v. 2, p. 199-215, 2014.

TOYNBEE, Arnold Joseph. **Helenismo: história de uma civilização**. 5. ed. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1983. 232 p. (Biblioteca de cultura histórica). Tradução de: Hellenism : the history of a civilization.

VENIT, S. Marjorie. ALEXANDRIA In: RIGGS, Christina. **The Oxford handbook of roman egypt**. Oxford : Oxford University, 2012. Pg 105-121.

VIEIRA NETO, Ivan. **O paganismo neoplatônico de Jâmblico de Cálcis: A influência religiosa na filosofia Tardo-Antiga (SÉCS. III E IV D.C)**. 2011. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, História, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2011.